



MÃO-BOBA¹

Alcan

[aviso de gatilho: assédio/transfobia]

Quando a gente está empregado, trabalhando naquele horário mais desejado, de segunda a sexta, das oito ou nove até as cinco ou seis, se não é exaustivo demais a ponto de querer só dormir e se a grana é suficiente para a subsistência, dá muita vontade de sair no final de semana. Tomar uma cerveja. Gastar de alguma forma o dinheiro conquistado depois de fazer nada para si, tudo por ele.

Além disso, sair é uma maneira de conhecer pessoas bacanas, não é mesmo? Fazia tempo que eu não ficava com ninguém. Minto, ficava de vez em quando, mas não era lá muito satisfatório. As pessoas tinham muita dificuldade em leitura corporal. As que eu beijava — algumas — até conseguiam me chamar no masculino, mas a magia acabava quando elas me viam sem roupa. Daí não tinha jeito, até podiam ainda falar no masculino, porém estavam pensando no feminino. Ou tocando no feminino. Eu podia sentir.

Talvez o problema fossem minhas tentativas de conversar com as pessoas ao invés de apenas juntar nossas bocas. De preferência, no escuro e equipado com um packer. Então naquele dia me preparei para ir na balada. A boate nem era na capital. Parecia uma ideia muito ruim. Contudo, era *gay friendly*. Isso tinha que contar para alguma coisa.

De fato, havia alguns veados. Havia muitas meninas. Havia *boys* héteros. Havia todo mundo. Provavelmente era a única festa da cidade. E havia eu e meu amigo Kai.

Perguntei-me se conseguiria me misturar. A maioria das meninas dançava no meio da pista, a maioria dos meninos olhava para elas apoiados nas paredes. Um grupo chamava mais atenção que os outros, porque tinha meninos que soltavam gritinhos e iam dançar sarrando ao máximo a bunda nos garotos das paredes. Gostei quando Kai pegou minha

¹ Nota do autor: Esse conto faz parte do livro "Histórias que eu gostaria de ler", cuja versão digital em PDF, ePub e audiolivro encontram-se disponíveis gratuitamente. Para ler ou ouvir outros contos você pode acessar: edissidentes.wordpress.com/historiasqueeu gostariadeler



mão e me levou até eles. Pareciam ser as pessoas que mais se divertiam. Comecei a dançar, ainda que timidamente, comparado aos meus companheiros de festa.

Depois de algumas cervejas, passos de uma coreografia inventada levaram uma moça para perto de mim. Tinha os cabelos pintados de loiro, olhos puxados e perfume forte. Deixava o corpo perto do meu com bastante intimidade e confiança. Rebolou na minha frente, apoiou as mãos nos meus ombros e falou em meu ouvido:

— Meu marido volta pra cidade segunda.

Engasguei com minha bebida e sorri para ela:

— Que ótimo, não?

Busquei Kai com o olhar. Ele justamente queria fumar um cigarro. Deslizamos pela multidão até a área externa. Enquanto eu procurava minha comanda para aventurar-me na fila e comprar outra cerveja, Kai acendia um cigarro e tentava me atualizar dos principais babados de toda aquela gente que eu não conhecia. Ele tinha voltado à cidade onde nasceu fazia alguns meses, era a primeira vez que eu vinha visitá-lo. O cigarro ia sendo fumado pela noite enquanto ele falava, cada frase aumentando as cinzas num cadinho. O Kai reparou, mas se abalou em nada. Como se o objetivo de fumar fosse me contar do mundo, não tragar tabaco.

Sem pressa e sem interromper o assunto, fomos nos movendo na direção do bar. Uma menina apareceu meio agarrada em outra, bloqueando nosso caminho. Elas definitivamente eram jovens. Talvez até menores de idade. Se o segurança da porta tinha me poupado o constrangimento de mostrar meu nome de registro, por que outras criaturas consideravelmente mais bonitinhas também não teriam o mesmo privilégio? Ou devo dizer direito?

As duas davam risadinhas. É difícil acreditar que, depois de tantos anos de luta feminista, estou descrevendo o comportamento de mulheres dessa maneira. Jovens que davam risadinhas. Mas elas davam. Pior, as risadinhas pareciam vir reto ao meu encontro. Direcionadas. Seria isso um flerte? Era um povaréu ali, meio apertado naquela área aberta, então logo estávamos extremamente próximos. Antes que eu pudesse fugir, a da direita soltou-se da outra e gritou por cima da música:

— Você é homem ou mulher?



Bingo. Não era a melhor maneira de começar, porém eu podia lidar com isso. Quero dizer, numa realidade hipotética, se um adulto, ou quase adulto, faz uma pergunta dessas, talvez ele tenha um bom motivo. Talvez o ajude a, por exemplo, saber que pronome usar, nessa dimensão hipotética onde a gente continuaria se falando o suficiente para precisar de pronomes. Por isso respondi:

— Sou homem. — Minhas opções eram limitadas.

Ela sorriu. Poderia ser confuso, mas razoável, sorrir se um desconhecido lhe conta que é homem. O tipo de reação mais ou menos adequada ao perguntar intimidades para um estranho. Porém, rapidamente, ela decidiu que não seria razoável, nada de mediocridades com a novinha da balada. Ela precisava fazer o inimaginável. Erguer a mão e agarrar meu peito.

— Não um de verdade — comentou, apesar, cabe ressaltar, do meu binder e dos meus peitos pequenos.

Meu mamilo não se sentiu tão aberto a comentários. Nessa época, andava tão tímido que usava binder todo tempo, então meus dedos rapidamente partiram em sua defesa, agarrando a mão da garota e baixando-a com força.

— Vem aqui que vou fazer você agarrar o pau de um cara pra ver se é de verdade.

Eu segurava forte em seu pulso. Ela e eu nos encarávamos. A garota tinha medo, evidentemente. Um homem com pau em potencial tinha grande probabilidade de ser mais perigoso do que eu. Dava para ver dentro dos olhos dela. Dava para ver que ela não tinha coragem, que, mesmo jovem, ela sabia bem o que podiam significar homens, principalmente os que ela considerasse verdadeiros. Dava para ver que ela conhecia opressão.

— Isso você não se anima, não? — berrei, mas minha voz vacilava.

Meu ódio tentou ser melhor direcionado. Não era a moça, era o mundo. Meu aperto ficou mais frouxo. Ela e sua amiga foram embora correndo. Eu e meu amigo trocamos suspiros parados.



Precisava escapar daquele tanto de gente em volta. Falei que ia ao banheiro. Kai foi atrás fazer minha segurança, mas alguém o parou para cumprimentar. Decidi ir para rua, contando novamente com a boa vontade do segurança.

Meu mijo escorreu entre o vão dos carros estacionados. Sentei no meio-fio e enrolei um baseado. Para fumar sozinho, sem dividir com ninguém.

Senti o cheiro da minha urina e afastei o pé para impedi-la de alcançar meu tênis. Queria não me sentir tão na merda. Algumas pessoas passavam, entrando e saindo da boate. Em minha cabeça, comecei a trocar os gêneros delas. Quanto mais eu fumava, mais bem acabada ficava cada transição. Aquela menina de salto daria um bofe gostoso. Aquele moço barbudo seria uma gracinha com um pouquinho de perlutan. A mulher beijando um rapaz num canto já tinha todas roupas masculinas, faltava só arrumar os documentos. Já aquele outro, de nariz empinado, daria uma travesti chiquérrima, que provavelmente seria referência de Instagram. Relaxei um pouco, saboreando a imagem dessa gente de outra forma. Não havia mais ninguém novo para eu mudar.

Forçando a visão, reparei num garoto de jeans, moletom e boné que saía da festa meio se arrastando. Decidi que ele definitivamente ficava melhor no modo masculino do que no feminino. Depois de dar considerável quantia de passos, o rapaz apareceu na minha frente:

— Você sumiu, cara. Tá querendo ir embora? Podemos ir.

Kai tinha olhos que queriam ser animados, mas eram um pouco tristes. Sorri um sorriso igualzinho aos olhos dele:

— Não, meu. Quer saber? Seus amigos daqui são muito legais. Vamos ficar mais com eles.

A gente passou pelo segurança abraçados. Cogitei procurar a moça perfumada que gostava de dançar perto. Só para dar minha contribuição em destruir lares felizes. Vai que ela tinha filhos que acordavam de noite, ou vizinhos fofoqueiros cuidando as janelas. Podia valer a pena. Deixei escapar um bocejo. Ainda bem que vodca com energético era dos drinques mais em conta. Padê daria ainda mais preguiça, por causa da perspectiva de ressaca horrorosa.



Kai abriu espaço no nosso grupo de dançarinos. A bicha mais próxima jogou um beijinho no ar para mim. Ela era belíssima. Kai, do meu outro lado, não parava de me lançar sorrisinhos. Tomei um gole do meu kit. Era só uma festa, uma noite de tantas, conhecendo gente que estava fazendo parte da vida de um amigo querido. Arrisquei rebolar um pouco em volta dessas duas pessoas ótimas. Não ia ser ruim. Eu não permitiria.